



APROXIMAÇÕES TEÓRICAS: ARQUITETURA CULTURA E MEMÓRIA

PRIMIERI, Dayana Terezinha.¹

OLDONI, Sirlei Maria.²

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo relacionar os conceitos e definições de memória, cultura e arquitetura, vinculando-se à linha de pesquisa de "Arquitetura e Urbanismo" dentro do grupo de pesquisa "Estudo e Discussões de Arquitetura e Urbanismo". A metodologia utilizada visa a discussão e a análise do papel cultural que a arquitetura pode exercer em uma sociedade, como ela se desenvolve e qual sua relação com a memória de uma civilização, levantando-se o problema: qual a relação dos conceitos memória, cultura e arquitetura? A hipótese inicial é a de que a arquitetura, como reflexo social, carrega características do povo, características a qual a estética sobrepõe a funcionalidade; e, o impacto afetivo na população, a lembrança de edificações relevantes, é resultado da ignorância arquitetônica ou fatos marcantes e sentimentais que englobam as edificações.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura, Cultura, Memória, Arte.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda o assunto de teoria da arquitetura, sob os aspectos da memória, cultura e arquitetura, e tem como tema o papel cultural da arquitetura.

Para Izquierdo (2014, p. 13), a memória é um aglomerado de conhecimentos formados e conservados que de alguma maneira foram apreendidos. O homem somente comunica ou elabora aquilo que é do seu acervo de memória, que provém de suas lembranças. Já a cultura pode ser definida como o cultivo, o cuidado de costumes, ações e atos de uma determinada sociedade, como ela se porta, sua vida política e, como consequência, seu regime político (CHAUÍ, 2008, P. 55). E, por fim, a arquitetura definida por Colin (2000, p. 21-24), dividindo-se em profissão, produto cultural (relação entre antropologia e arqueologia) e arte.

Portanto, justifica-se socialmente o presente trabalho devido a noção errônea de entendimento do leigo no quesito arquitetônico. Julga-se que o arquiteto somente interfere e encarece o processo construtivo, sem levar em consideração os conceitos sensoriais daquele que irá ocupar o espaço projetado. Por isso, este estudo é um incentivo ao leigo de compreender de maneira crítica o propósito artístico, neurológico e cultural que a arquitetura age na vida social, mesmo que indiretamente. Cabe

¹Pesquisadora Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Assis Gurgacz, Cascavel (PR). E-mail: day.primieri@gmail.com.

²Professora orientadora da presente pesquisa. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UEM/UEL. E-mail: sirlei.oldoni@fag.edu.com.



aqui um incentivo ao cidadão em engajar-se em debates arquitetônicos e expor sua visão do mundo, uma vez que a arquitetura é edificada para aquele em que a habitará, não para o profissional da área.

Pretende-se também incentivar os profissionais de arquitetura e urbanismo a abraçarem a filosofia social que a arquitetura prega. A debaterem em conselhos e no dia a dia sobre como seu edifício irá ressoar para a sociedade do hoje e do amanhã, em como ele impactará no meio urbano, no meio social e no meio memorial. A arquitetura é considerada uma das Belas Artes e, como as demais, ela deve ser lida, sentida e admirada com o mesmo impacto.

Isso posto, a pesquisa parte do seguinte problema: qual a relação dos conceitos de memória, cultura e arquitetura? A hipótese inicial é a de que a arquitetura, como reflexo social, carrega características do povo, características a qual a estética sobrepõe a funcionalidade; e, o impacto afetivo na população, a lembrança de edificações relevantes, é resultado da ignorância arquitetônica ou fatos marcantes e sentimentais que englobam as edificações.

Portanto, a pesquisa tem como objetivo geral relacionar os conceitos de memória, cultura e arquitetura e para tal, tem como objetivos específicos: A) apresentar memória e seus conceitos; B) apresentar cultura e seus conceitos ao longo da história; C) Fundamentar arquitetura; D) relacionar os conceitos; E) concluir em resposta ao problema da pesquisa.

Assim, como fundamento norteador, tem-se o seguinte marco teórico:

Temos uma capacidade inata de lembrar e imaginar lugares. Percepção, memória e imaginação estão em interação constante; a esfera do presente se funde com imagens de memória e fantasia. Continuamos construindo uma imensa cidade de evocações e recordações, e todas as cidades que visitamos são ambientes desta metrópole que chamamos de mente (PALLASMAA, 2011, p. 64).

Para entender o papel arquitetônico e neurológico da arquitetura faz-se necessário o levantamento teórico do conceito de cultura, arquitetura e memória. Portanto, para que se possa alcançar a resposta ao problema de pesquisa, visando o atendimento ao objetivo geral e aos específicos, foi utilizado o encaminhamento metodológico dialético que, de acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 174), uma pesquisa necessita do levantamento de dados em diversas fontes a fim de reter conhecimentos que sustentam o *background* do estudo. Além disso, nesse método entende-se que nada é fixo, mas tudo está em movimento.

Desse modo, este artigo foi organizado em quatro tópicos. O primeiro objetiva a conceituação fundamentação conforme teóricos dos termos memória, cultura e arquitetura. O segundo aborda a



metodologia que será utilizada para obter as respostas ao problema. E, por fim, expõe os resultados e como chegou-se à resposta do questionamento inicial.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para que se defina o papel que a arquitetura tem sobre a cultura, faz-se importante conceituar e compreender os conceitos de memória, cultura e arquitetura.

2.1 MEMÓRIA

Para Izquierdo (2014, p.13-15), a memória é o conjunto de informações adquiridas, formadas e conservadas por meio do aprendizado. A lembrança nada mais é do que uma recordação gravada daquilo que foi aprendido que somos o que lembramos. O homem não pode produzir ou comunicar aquilo que está fora de seu acervo de memórias. A memória é o maior acervo histórico do ser humano. O passado é o “disco rígido”, contém todos os dados, informações e conhecimento recolhidos durante o tempo de vida, o que evidencia a personalidade ou forma de ser. A transformação da personalidade no indivíduo humano e no indivíduo animal é igualada, que, embora indivíduos, formamos grupos devido a necessidade de viver em sociedade.

[...]Esse fenômeno é tanto mais intenso e importante quanto mais evoluído seja o animal. A necessidade da interação entre membros da mesma espécie, ou entre diferentes espécies inclui, como elemento-chave, a comunicação entre indivíduos. Essa comunicação é necessária para o bem-estar e para a sobrevivência. Nas espécies mais avançadas, o altruísmo, a defesa de ideais comuns, as emoções coletivas são parte de nossa memória e servem para nossa intercomunicação [...] (IZQUIERDO, 2014, p. 15).

Izquierdo (2014, p. 17-20) ainda evidencia o ponto de vista fisiológico da memória, onde os neurônios são responsáveis pelo armazenamento, evocação e modulação da memória em todo animal. Os neurônios possuem prolongamentos pelos quais comunicam-se entre si, transferindo informações para os receptores que permitem a passagem de íons. A partir disso, há uma complexidade química e neurotransmissores responsáveis pela liberação dos sentimentos.

Corroborando com este conceito, Halbwachs (1990, *apud* SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 288 - 292) diz que a lembrança é sempre produto de um indivíduo inserido em grupos de referência,



uma vez que a memória é idealizada em grupo. O grupo de referência é o grupo ao qual o indivíduo participa ou já participou, identificou-se e estabeleceu uma comunidade de pensamentos. A lembrança é fruto da comunidade afetiva onde o indivíduo entende-se internamente como pessoa através do reconhecimento - sentimento do já visto, e da reconstrução - resgate de acontecimentos e vivências passadas dentro de preocupações e interesses atuais. Por tanto, a memória executa a função do reconhecimento e reconstrução atualizando as lembranças que podem permanecer e vincular-se entre si, ela adapta as imagens de fatos já vivenciados em crenças e necessidades do presente.

Dentro desse conceito, pode-se definir algo mais específico no campo da memória, que é a memória coletiva conceituada por Rossi (2008, p. 198) como uma transformação do espaço em que uma comunidade atribui dentro de sua coletividade. Esta imagem do espaço é moldada conforme a inserção de um grupo, ela se molda e adapta-se aos materiais que se dispõem a ele.

Conectando o conceito de memória a arquitetura, a memória é o fio que conduz a complexa estrutura da memória coletiva dos povos. A cidade, por si própria, é o ‘*locus*’ da memória coletiva, ela liga os fatos e os lugares, a arquitetura, as permanências e a história, pois, na medida em que ela se desenvolve, intencionalmente a ideia de cidade é revérbero das ações dos indivíduos daquela sociedade (ROSSI, 2008, p. 198-199).

2.2 CULTURA

Do latim *colere*, cultura representa o cultivo, o cuidado. Historicamente, no início das civilizações, a cultura era o cultivo da terra, era a potencialização de algo ou alguém. Fazia-se brotar, crescer e florescer para o cultivo de benefícios. A partir do século XVIII, cultura é sinônimo de civilização, vida civil, vida política e, como consequência, regime político (CHAUÍ, 2008, p.55).

[...] Com o Iluminismo, a cultura é o padrão ou o critério que mede o grau de civilização de uma sociedade. Assim, a cultura passa a ser encarada como um conjunto de práticas (artes, ciências, técnicas, filosofia, os ofícios) que permite avaliar e hierarquizar o valor dos regimes políticos, segundo um critério de evolução. No conceito de cultura introduz-se a ideia de tempo, mas de um tempo muito preciso, isto é, contínuo, linear e evolutivo, de tal modo que, pouco a pouco, a cultura torna-se sinônimo de progresso. Avalia-se o progresso de uma civilização pela sua cultura e avalia-se a cultura pelo progresso que traz a uma civilização (CHAUÍ, 2008, p.55).

A partir de um estudo antropológico norte-americano de Franz Boas de 1896, a cultura, entre os meios, é definida como particularidade, totalidade integrada e harmônica a qual dá embasamento



à sociedade. Os elementos culturais são decorrências históricas de processos herméticos de traços herdados de culturas adjacentes. A organização de uma sociedade não necessariamente parte do princípio de uma origem comum ou desenvolvimento similar, mas há uma predisposição psicológica a qual se transforma em meio a difusão de traços e não através da evolução unilinear do homem (GONÇALVES, 2011, p. 64).

Para Benedict (1935, p. 02), o homem moderno não possui a mesma visão de mundo que o homem primitivo, mas sim por um conjunto de costumes e modos de pensar que, a partir do momento que ele pode se comunicar, ele o fará a partir de sua cultura.

Dentro desta visão, a antropologia é o estudo que retém sua atenção para o ser humano como criatura da sociedade. Esse estudo visa as características físicas, técnicas industriais e os valores que distinguem uma comunidade das demais tradições. Para o antropólogo, os costumes entre duas sociedades, é possível que exista uma relação histórica para lidar com problemas comuns, pois ele cientiza o comportamento humano e como ele foi moldado através de, não apenas uma tradição, porém várias que originaram várias culturas (BENEDICT, 1935, p. 01).

A cultura é chave mestra para aguçar a memória de um grupo, uma vez que o ser humano procura laços culturais e de afinidade embasados em sua memória comum. A formação de grupos, sociedades e civilizações é originária da segurança e conforto do coletivo. O compartilhamento de uma série de memórias e histórias, a recordação de hábitos, costumes e tradições configura a afetividade social do indivíduo que, quando comum em um grupo, estabelece a identidade (IZQUIERDO, 2014, p. 15).

2.3 ARQUITETURA

Na antiguidade, teóricos europeus acreditavam que as origens da arquitetura eram provenientes de inícios místicos onde havia somente uma única forma de edificar casas e abrigos para cultos. Desmistificando-os, a arquitetura nasceu quando o primeiro lar, monumentos e cidades foram moldados conscientemente (GLANCEY, 2001, p. 12).

Os animais também contam com a capacidade de construção. Os pássaros constroem ninhos. As abelhas constroem colmeias. Porém, somente os humanos produzem a arquitetura, a ciência e a



arte de construir um abrigo em forma de obra de arte. Esta é a arte que está em uma incessável evolução (GLANCEY, 2001, p. 09).

Roth (2017, p. 01) cita que a arquitetura é a arte inevitável. A partir do momento em que acordamos, dormimos ou nos movimentamos, nos rodeamos de edifícios ou paisagens definidas pelo homem. Divergente de uma pintura, escultura, desenhos e demais artes visuais onde há a possibilidade de optar por olhá-las, senti-las ou não, a arquitetura influencia diretamente o comportamento, ela impacta na memória humana.

Antes, costumava-se pensar na arquitetura como consistindo apenas em aqueles edifícios considerados “importantes”, as grandes construções religiosas ou públicas que exigiam energia, material e recursos financeiros substanciais. Talvez isso se deva ao fato de que, nos séculos passados, as histórias da arquitetura eram escritas predominantemente por arquitetos, mecenas principescos ou historiadores da corte, que queriam exacerbar a distinção entre o que haviam realizado e a massa vulgar de construções vernáculas do entorno (ROTH, 2017, p.02).

Para entender a totalidade da arquitetura, é necessário que sejam considerados todos os elementos que compõem a cidade contemporânea. Uma vez que assimilada com história e literatura escritas, a arquitetura é uma forma muda de comunicação de registrar a evolução cultural que compreende o espaço criado como um diálogo entre passado e futuro (ROTH, 2017, p. 03).

Conforme a divisão de Colin (2000, p.21-24), a arquitetura possui diversas empregações, sendo elas: Profissão - profissão de nível superior, graduação com matérias de três áreas (área técnica, área humanas e representação e composição de projetos); Produto Cultural - relação entre antropologia e arqueologia, a arquitetura é reflexo dos costumes sociais; Arte - valores estéticos sobrepõem os valores utilitários e comerciais.

Colin (2000, p.85) define ainda os conteúdos que a arquitetura compreende. Consoante ao tema deste estudo, o conteúdo histórico, citado pelo autor, é a manifestação cultural que retém informações históricas de marcos arquitetônicos, podendo aparecer de três maneiras: conteúdo, testemunho e preferência estética de determinada sociedade.

Em contrapartida, é fato que a arquitetura não atinge grande pauta sobre o interesse do público. Bruno Zevi (1996, p.01-08) retrata que o interesse público é voltado para música, escultura e literatura; os jornais exibem lançamentos de livros, mas excluem o novo edifício a ser construído. Há



um impasse de comunicação por mediação de propagandas e publicidades que diferem a boa arquitetura e que também impedem edifícios horríveis de serem executados.

[...], qualquer um pode desligar o rádio e abandonar os concertos, não gostar de cinema e teatro e não ler um livro, mas ninguém pode fechar os olhos diante das construções que constituem o palco da vida citadina e trazem a marca do homem no campo e na paisagem (COLIN, 2000, p. 02).

A maior queixa entre arquitetos sobre os críticos da arquitetura, é devido a consideração da arquitetura como um “simples fato plástico”. Além das outras obrigações, cabe ao arquiteto a obrigação de dedicação à função do edifício, técnica e arte. Quando voltado o foco aos espaços interiores arquitetônicos e urbanísticos, percebe-se a inferência quanto ao problema social e o estético (ZEVI, 1996, p.189-190).

Zevi (1996, p.24-25) ainda traz sobre uma definição mais precisa, onde uma arquitetura, para ser considerada bela, será aquela a qual o espaço interior é atrativo, e uma arquitetura feia possui o espaço interior entediante, aborrecedor, nos repele. Isso posto, o que não possui espaço interior não pode ser considerado arquitetura pelo motivo de que a experiência espacial somente será adquirida no interior do edifício. A interpretação do espaço arquitetônico é suficiente para o julgamento de uma obra.

Como demais meios de comunicação esteticista, a arquitetura possui a capacidade de transmitir emoção ao seu leitor, espectador ou morador por intermédio da sua forma, cor, volume, tamanho, materiais, técnicas etc. (COLIN, 2000, p.103-111).

Para Pallasmaa (2011, p. 11), uma arquitetura que comova deve provocar todos os sentidos simultaneamente, unindo experiência de mundo e imagem do ser, desempenhando a ideia de acomodar e integrar. É por meio dela que a sensação de realidade e identidade pessoal é reforçada na experiência de fazer parte do mundo, permitindo envolvimento entre o mental, imaginário e o desejo. Seu principal objetivo é relacionar, mediar e projetar significado nos objetos projetados, não simplesmente criar uma breve sedução visual.

Ao experimentar a arte, ocorre um intercâmbio peculiar: eu empresto minhas emoções e associações ao espaço e o espaço me empresta sua aura, a qual incita e emancipa minhas percepções e pensamentos. Uma obra de arquitetura não é experimentada como uma série de imagens isoladas na retina, e sim em sua essência material, corpórea e espiritual totalmente integrada. Ela oferece formas e superfícies agradáveis e configuradas para o toque dos olhos e dos demais sentidos, mas também incorpora e integra as estruturas físicas e



mentais, dando maior coerência e significado à nossa experiência existencial (PALLASMAA, 2011, p. 11).

Quando tratando-se de arquitetura, a visão deve ser o sentido mais importante a ser analisado criticamente. Como as demais artes, a arquitetura expressa e relaciona o ser humano no mundo e sua existência no espaço-tempo; ela tem o poder de envolver questões metafísicas da individualidade e do mundo, interioridade e exterioridade, tempo e duração, vida e morte (PALLASMAA, 2011, p. 16).

Assim, os tipos de arquitetura são distinguidos a partir da modalidade sensorial a qual eles tendem a trabalhar ou foram planejados, podendo ser considerada uma arte multissensorial. Sua função atemporal é a de estimular o corpo a fim de criar uma metáfora existencial estruturando a existência humana no mundo, seja ela refletindo, materializando ou eternizando imagens e ideias da vida ideal. A inserção do homem no mundo e a ligação entre cultura e tempo percebe-se e entende-se através da arquitetura (PALLASMAA, 2011, p. 65-67).

3. METODOLOGIA

Tendo em vista o objetivo de dissertar sobre qual o papel cultural da arquitetura, a metodologia consiste no desenvolvimento de levantamento bibliográfico. Para tanto, busca-se a pesquisa em fonte primária que tem como objetivo relacionar diversos conceitos a partir de bibliografias já publicadas, sejam elas publicações, revistas, livros, estatísticas, entre outros.

Por meio da fundamentação teórica, levantou-se a conceituação de três tópicos confrontantes com o tema principal que objetiva compreender qual o papel cultural da arquitetura, sendo estes tópicos: entendimento de memória individual e coletiva e como ela é adquirida pelo ser, definição de cultura e como ela atua na sociedade, e conceitos de arquitetura, seus conteúdos, seu entendimento fora da academia e seu valor sensorial.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Amparado pela metodologia de desenvolvimento de levantamento de dados e objetivando responder o problema de pesquisa, o levantamento central da presente pesquisa diz respeito ao papel que a arquitetura é capaz de gerar sobre a cultura de uma determinada sociedade, buscando entender qual a relação entre as definições de arquitetura, memória e cultura.



Desde os primórdios da civilização o homem se preocupa com a edificação de lugares em forma de abrigo, moradias, lares, espaços para exercer a política, espaços públicos, entre outras diversas finalidades. A evolução da construção e entendimento arquitetônico é uma consequência da evolução social humana, dos seus costumes, inteligência, hábitos e necessidades, em tese, a arquitetura expõe a cultura de uma sociedade.

A cultura de um povo reflete hábitos e costumes cravados na memória; uma lente pela qual enxerga-se o mundo de sua maneira. Quando concatenados os conceitos de cultura e memória, percebe-se que a cultura é uma consequência de aprendizados retidos nas lembranças, onde uma comunidade absorve maneiras de sobrevivência que são repassadas para seus sucessores a partir de algo conservado em sua mente.

A memória para a arquitetura trata-se do meio crucial de relevância e destaque para a obra, no entanto, para ser guardada mentalmente, a edificação deve aguçar os sentidos humanos e gerar uma experiência boa ou ruim. Muitas das vezes, a arquitetura é inserida inconscientemente na memória uma vez que ela é abrigo para a vida do ser. O homem não pode negar a arquitetura, ele a habita, ele depende dela para maioria de suas ações cotidianas, seja trabalho, casa, escola, lazer, entre outros, a arquitetura está inserida em todos os lugares.

Portanto, memória, cultura e arquitetura são vinculadas entre si. Um homem fará sua morada conforme informações construtivas retidas em sua memória e escolherá sua forma visual conforme sua cultura (costumes, crença, hábitos, entre outros). Qualquer edifício, seja ele público ou privado, comercial ou residencial, grande ou pequeno, será carregado da memória, cultura e arquitetura ao qual ele foi submetido socialmente, e que ainda poderá se submeter ao ser casa para novas histórias memoráveis de toda uma civilização.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo foi proposto um desenvolvimento de uma metodologia a fim de responder a problemática “Qual a relação dos conceitos de memória, cultura e arquitetura?”, foram apresentados os conceitos e definições dos termos memória, cultura e arquitetura conforme previstos nos objetivos: A) apresentar memória e seus conceitos; B) apresentar cultura e seus conceitos ao longo da história; C) Fundamentar arquitetura; Após isso foi definida a abordagem a qual norteou a análise da arquitetura que a relaciona aos conceitos.



Apresentadas as definições de memória, cultura e arquitetura, o estudo se direcionou à discussão das convergências e relações possíveis entre os termos (objetivo D - relacionar os conceitos). Assim, foi possível responder ao problema inicial e, a hipótese definida na introdução foi confirmada uma vez que sim a arquitetura reflete e carrega as características sociais e culturais da comunidade em que a edifica. Cabe ainda ressaltar que o impacto afetivo da arquitetura é sim devido a lembranças ou fatos marcantes que o indivíduo retém em seu acervo memorial pela experiência obtida no espaço edificado.

Por meio desta pesquisa, conclui-se que a arquitetura não pode ser evitada, que, mesmo que inconscientemente, ela estará presente em todos os momentos da vida e história do ser humano. Uma arquitetura, para ser parte da memória precisa aguçar os sentidos, precisa gerar um desconforto ou conforto para que sua imagem seja gravada na lembrança. A cultura não é alterada, mas sim moldada conforme o ambiente e novas tecnologias que surgem, assim como a arquitetura ambas refletem os costumes e necessidade do povo.

6. REFERÊNCIAS

BENEDICT, R. **Patterns of culture**. Londres: Routledge & Kegan Paul Ltd, 1935.

CHAUÍ, M. **Cultura e democracia**. 2 ed. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009. Disponível em:
<http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/oqeculturavol_1_chauí.pdf>. Acesso em: 10 mai. 23.

COLIN, S. **Uma introdução à arquitetura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.

GLANCEY, J. **A história da arquitetura**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GONÇALVES, A. F. Sobre o conceito de arquitetura. **Caderno de Estudos Sociais**, Recife, v.25. nº 1, p. 61-74, jan./jun., 2010. Disponível em:
<<https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1416>>. Acesso em: 01 out. 23.

IZQUIERDO, I. **Memória** [recurso eletrônico]. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/62009539/Ivan_Izquierdo_Memória>. Acesso em: 30 mai. 23.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PALLASMAA, J. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.



ROSSI, A. **A arquitetura da cidade**. 2 ed. São Paulo: Martin Fontes, 2008. Disponível em: <https://www.academia.edu/42457257/A_Arquitetura_da_Cidade_Aldo_Rossi>. Acesso em: 01 out. 23.

ROTH, L. M. **Entender a arquitetura**: seus elementos. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n° 1-2, p. 285-298, jan./1993. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34481>>. Acesso em 01 out. 23.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. 5° ed. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1996.